ágora estudos clássicos em debate | 28.1 | 2026

RECEBIDO: 18.12.2024
ACEITE: 23.07.2025
DOI: https://doi.org/10.34624/agora.1.43470

A LIÇÃO DO HUMANISMO NA EVANGELIZAÇÃO DO MUNDO NOVO: O *DIÁLOGO SOBRE A CONVERSÃO DO GENTIO* (1557) DO P.e MANUEL DA NÓBREGA

The Lesson of Humanism in Evangelising the New World: Father Manuel da Nóbrega's *Dialogue on the Conversion of the Gentile* (1557)

Nair de Nazaré Castro Soares

Universidade de Coimbra e CECH, Portugal
ncastrosoares@gmail.com
ORCID: 0000-0001-5555-2564

Resumo: O *Diálogo sobre a conversão do gentio,* de 1557, do canonista P.e Manuel da Nóbrega, S.I., considerada a primeira obra da Literatura brasileira, inicia uma trilogia que define os ideais e os meios específicos de aculturação dos índios brasileiros. O modo de inculcar nos homens do Novo Mundo a religião e a moral cristãs segue a verosimilhança do diálogo, de acordo com a natureza dos interlocutores, com transições dialogais que primam pela naturalidade. Nóbrega exprime, contudo, conceitos humanistas de um alcance filosófico, ético-pedagógico e teológico que colocam esta obra como referência última do pensamento de um dos principais obreiros da unidade e da formação histórica do Brasil. Na singularidade desta "pedagogia brasílica" pôde contar com a ajuda do P.e José de Anchieta e com a aplicação prática da sua formação de humanista à realidade dos indígenas, designadamente do seu saber filológico e do seu génio poético de dramaturgo. Sinal dos tempos de Contra-Reforma, e sem negarem a essência da sua formação humanista superior, o que importava acima de tudo era a conversão dos índios do Brasil, *ad maiorem Dei gloriam.*

Palavras chave: Evangelização; Mundo novo; Literatura brasileira; P.e Manuel da Nóbrega; Conversão dos gentios "Pedagogia brasílica".

Abstract: The *Dialogue on the Conversion of the Gentile*, from 1557, by canon lawyer Father Manuel da Nóbrega, S.I., considered the first work of Brazilian Literature, begins a trilogy that defines the ideals and specific means of acculturation of Brazilian Indians. The way of inculcating religion and Christian morals in the men of the New World follows the verisimilitude of dialogue, according to the nature of the interlocutors, with dialogue transitions that strive for naturalness. Nóbrega expresses, however, humanist concepts of a philosophical, ethical-pedagogical and theological scope that place this work as the ultimate reference for the thinking of one of the main workers

of the unity and historical formation of Brazil. In the uniqueness of this "Brazilian pedagogy" he was able to count on the help of Father José de Anchieta and with the practical application of his humanist training to the reality of indigenous people, notably his philological knowledge and his poetic genius as a playwright. A sign of the Counter-Reformation times, and without denying the essence of their superior humanist formation, what mattered above all was the conversion of the Indians of Brazil, *ad maiorem Dei gloriam*.

Keywords: Evangelization; New world; Brazilian literature; Father Manuel da Nóbrega; Conversion of the Gentiles; "Brazilian Pedagogy".

Nos tempos mais recentes tem-se vindo a comentar a acção dos portugueses no mundo novo das Descobertas, reflectida actualmente no património físico nacional. Esquece-se, contudo, o muito que devem a Portugal e à cultura europeia, no seu mais alto nível, educacional e cívico, os herdeiros actuais desses povos.

A visão enviesada da história — cuja leitura é necessariamente feita de acordo com os padrões ideológicos da época em causa — é confrontada com documentos ilustrativos dos séculos XV e XVI que nos legaram exemplos vivos da acção civilizadora dos portugueses, nas longínquas terras de África, Ásia e América. A gesta lusa, que marcou o início da Idade Moderna com a chegada à Índia de Vasco da Gama, em 1498, é enaltecida na história e na épica — monumentos estéticos e ideológicos de valor inexcedível, verdadeiro património nacional.

Sem que se erguesse um Bartolomeo de las Casas a denunciar a acção nas "Índias Ocidentais" como na vizinha Espanha, conhecem-se excursos narrativos, disseminados na literatura da época, que apresentam exageros bem reais, em que sobressaem a visão economicista da vida, criticada por Diogo do Couto, em *O soldado prático*.

Uma realidade se impõe, contudo, como norma absoluta nesta época: homens doutos nas *humaniores litterae*, com créditos firmados nos maiores centros culturais da Europa, puseram o seu saber e a sua vida ao serviço da evangelização *Ad gentes*. E, apoiados na crença num ideal de transformação da *feritas* em *humanitas*, em *diuinitas*, foram agentes privilegiados da formação dos povos e, entre eles, os índios do Brasil, essa grande nação que se orgulha de falar e cantar a língua portuguesa.

Se os exageros, que revelam a complexidade da alma humana, são de todos os tempos, a escravatura vai ser posta em causa, no Brasil, muito antes da sua legal extinção, pelo canonista P.e Manuel da Nóbrega. Além disso, é notável a sua acção inexcedível de aculturação dos índios, que contou com o arrimo e o talento do P.e José de Anchieta, seu companheiro inseparável nesta ingente empresa.

Estudante de Cânones em Salamanca e Coimbra, o canonista e teólogo P.e Manuel da Nóbrega realiza no Brasil, com uma plenitude inusitada, o ideal de vida activa do homem do Renascimento, em terras de missão: preside à formação cultural, religiosa e pedagógica das comunidades — que têm como célula de base

as "Aldeias da doutrina" —, funda colégios e cidades, colabora com as autoridades do estado na moralização dos costumes e na própria organização da vida civil.

Discípulo de Francisco de Vitória e da escola jurídica de Salamanca, completa a sua formação em Coimbra, onde leccionava o reputado mestre de Cânones, conhecido em toda a Europa, Martín de Azpilcueta Navarro.

As obras que Nóbrega nos legou, desde a vasta epistolografia — sobretudo aos Padres de Coimbra, ao rei D. João III, a Inácio de Loyola —, são importantes repertórios de curiosidades e informações minuciosas sobre este novo mundo e a vida indígena dos seus habitantes; são ainda, designadamente, reflexões profundas e actuais, fruto da sua formação teológica e jurídica, da sua mentalidade humanista, em que confluem *humanitas* e *pietas*.

Uma alusão merece, neste sentido, a trilogia *Diálogo sobre a conversão do gentio*, de 1557; *Tratado contra a antropofagia e contra os cristãos seculares e eclesiásticos que a fomentam e a consentem*, de 1559, hoje desconhecido; e *Caso de consciência sobre a liberdade dos índios*, de 1567.

Ao procurar erradicar costumes e práticas indígenas como a antropofagia ritual, a poligamia e o recurso à feitiçaria — do maior alcance para a evangelização dos índios e sua catequização — o P.e Manuel da Nóbrega é incansável na defesa intransigente da liberdade do índio brasileiro. Esclarecedora, neste sentido, é a "Carta a Tomé de Sousa", primeiro Governador-Geral do Brasil. Com ele desembarcou, na Baía de Todos os Santos, a 29 de Março de 1549, nesta primeira expedição ao Novo Mundo, acompanhado de mais cinco representantes da Companhia de Jesus. Até à data da sua morte, a 18 de Outubro de 1570, sem nunca ter regressado à pátria, o P.e Manuel da Nóbrega colaborou activamente, com os membros da Companhia de Jesus, na edificação das cidades de Salvador da Baía, de São Paulo de Piratininga e de São Sebastião do Rio de Janeiro. Esta cidade foi fundada na governação de Mem de Sá, irmão do poeta Sá de Miranda, cuja façanha foi cantada no poema épico latino, *De Gestis Mendi de Saa* (1563), do jesuíta P.e José de Anchieta[1].

No *Diálogo sobre a conversão do gentio*, considerado a primeira obra da Literatura brasileira — o P.e Serafim Leite, SI, chega a afirmar que é a principal obra em prosa no século XVI no Brasil — enuncia-se toda uma teorização pedagógica, que se desenvolve dentro de princípios, considerados a essência do Humanismo europeu, que podem ser sintetizados na afirmação de que a educação é uma segunda natureza, ou em termos mais concretos, "A criação e ensino faz os homens"[2]. Erasmo,

[1] Ramalho (1999) 241-250.

[2] Esta expressão figura numa carta jesuíta, enviada a Roma, a dar notícia da Missão de Cochim. Nela se relata uma representação levada a cena, por ocasião da abertura solene das aulas, no Colégio de Cochim, em 1570. Cf. *Documenta Indica* (1984-1984): vol. VII, 218-219.

o educador da Europa, na designação de J.-C. Margolin[3], vai mesmo ao ponto de reconhecer que uma cuidada e santa educação é fonte de toda a virtude: *Fons enim omnis uirtutis est diligens ac sancta educatio*[4].

A nível formal, refira-se o emprego do diálogo — que foi objecto de reflexão desde Lorenzo Valla, a partir designadamente da obra de Cícero — tão adequado ao debate de ideias e à abertura a diferentes perspectivas[5].

Em vez de preceitos expostos de forma dogmática, assiste-se a um processo discursivo que se vai abrindo gradativamente ao desenvolvimento conceptual. Há como que um processo heurístico e hermenêutico de descoberta gradativa de campos semânticos e conceptuais.

São dois os intervenientes no diálogo, as *dramatis personae*, Gonçalo Álvares e Mateus Nogueira, personagens reais, imbuídas, na sua sensibilidade e experiência, do conhecimento da problemática da catequese e conversão dos índios. Afiguram-se, na obra, como representativos da complementaridade da palavra e da acção, já que Gonçalo Álvares era um bom intérprete da língua brasílica, uma espécie de curador dos índios, e Mateus Nogueira era ferreiro e colaborador dos Padres na obra de edificação missionária, "ferreiro de Jesus Cristo". A este último, pela sua maior proximidade e vivência junto dos missionários cabe geralmente a dilucidação dos problemas levantados por Gonçalo Álvares: — "alguma coisa se me há-de pegar de meus padres", afirma Mateus Nogueira, com a ironia dos *salse dicta*, do *iocandi genus*, tão cara aos autores de diálogos clássicos, designadamente Cícero[6].

Numa linguagem que denuncia a prática dos respectivos ofícios dos interlocutores, avultam as imagens e metáforas de Mateus Nogueira, relacionadas com a actividade de ferreiro e sua forja, que molda e transforma o ferro pelo calor do fogo. Estas imagens, ao serviço do género predominantemente deliberativo — que dá relevo à prova, à *probatio* persuasiva —, adaptam-se perfeitamente a uma concepção pedagógica da modelação do homem novo pela educação. Se os tratados de pedagogia humanistas preferem as imagens clássicas do barro e da cera que se moldam[7], Nóbrega, pela voz das personagens do seu diálogo, impõe-se moldar o ferro, o mais duro dos metais, pelo fogo — sugestivo do fogo do Espírito Santo — na tarefa ingente da missionação do índio.

[3] Margolin (1995).

[4] *Erasmi Desiderii* (1961-1962), *LB*: I, 491 E.

[5] Soares (1994 e 2021), 367-370.

[6] Estas expressões são de Cic., *Off.* 1. 29.

[7] Refiram-se, em Portugal, na linha dos ensinamentos de Platão, sobretudo nas *Leis*, os tratados de educação de Diogo de Teive e D. Jerónimo Osório, dedicados ao Príncipe D. Sebastião. *Vide*, a este propósito, o estudo de Soares (1994 e 2021) e. g. 284 e 428-429.

Além disso, dentro da tradição da pedagogia clássica e humanística, Nóbrega refere "o milhor e mais certo caminho" para a educação dos índios, que consiste em privilegiar a educação das crianças, dos "filhos e dos netos" deles, a quem a "criação" moldará o "entendimento". E especifica, pela boca de Nogueira, "Terem os romanos e outros gentios mais policia que estes não lhes veio de terem naturalmente milhor emtendimento, mas de terem milhor criação e criarem-se mais politicamente." [...] "e os Padres o esperimentam cada dia com seus filhos, os quais achão de tão boom entendimento que muitos fazem avantagem aos filhos dos christãos."[8]

Assim ganha forma toda uma doutrina que moldara a sua concepção do homem e sua natureza, que apresenta como resposta aos problemas mais prementes debatidos na época sobre o índio, em seu estado selvagem.

O P.e Manuel da Nóbrega reflecte, de forma experienciada, sobre a humanidade do índio, nos termos em que a proclamara, em 2 de Junho de 1537, Paulo III, na Bula *Sublimis Deus*[9], e afirma a capacidade da educação do indígena, pois como qualquer homem possuía "entendimento, vontade, memória", princípios basilares, verdadeiros *fundamenta* da *paideia* humanista.

O recurso ao diálogo permite que se dilucidem progressivamente as dúvidas levantadas sobre se os índios são "próximo", se são homens, se têm alma. Todas as asserções vão no sentido da afirmação da dignidade do índio como "próximo", como homem, feito à imagem e semelhança de Deus, com alma. Pela alma se equipara o índio ao chefe máximo da hierarquia da igreja.

Transcrevemos o passo do diálogo:

> Gonçalo Álvarez: — *[...] Mas já folgaria ouvir-vos as rezõis que tendes ouvido dos Padres pera nos animarmos a trabalhar com elles, e as que tem en contrario das que demos no principio.*
>
> Nogueira:— *Já que tanto apertais comigo, e me pareceis desejoso de saber a verdade deste negocio, creo que vos tenho esgotado, dir-vo-ei o que muitas veses martelando naquele ferro duro estou cuidando e o que ouvi a meus Padres por muitas veses. Parece que nos podia Christo [que] nos está ouvindo, dizer: Ó estultos e tardios de coração pera crer! Estou eu*

[8] Nóbrega (1954) 65. Pela importância e significado do trabalho magistral de Serafim Leite, SI, optamos pela sua edição — que serviu de fonte à moderna edição da Obra Completa de Manuel da Nóbrega, nos 500 anos do seu nascimento, compilada por Paulo Roberto Dias Pereira, Edições Loyola, 2017. Esta edição apresenta apenas a diferença da modernização da grafia e afasta-se por isso da grafia do século XVI que o P.e Serafim Leite se preocupou em preservar

[9] A Bula *Sublimis Deus*, 'Excelso Deus' figura em tradução portuguesa, em apêndice à edição do P.e Nóbrega (1954) 105-107 por Serafim Leite, SI. Embora esta bula se destinasse à América espanhola, expressa a doutrina da Igreja, que é a de Nóbrega.

imaginando todas as almas dos Homens serem humas e todas de hum metal, feitas à imagem e semelhança de Deus, e todas capazes da gloria e criadas pera ella; e tanto val diante de Deus por naturaleza a alma do Papa, com a alma do vosso escravo Papaná.

Gonçalo Alvarez: — *Estes tem alma como nós?*

Nogueira: — *Isso está claro, pois a alma tem três potentias, entendimento, memória, vontade, que todos tem.*"[10]

A "alma", princípio ontológico, abarca a potência intelectiva e volitiva, que se firma na memória, e torna-se assim princípio gnoseológico. É pela harmonia do entendimento e da vontade que se atinge a recta razão — assimilada à lei natural, à lei divina — que, possibilita a educação, o conhecimento do *honestum*, no dizer de Cícero, e a conversão, objectivo último da missão evangelizadora[11].

O pensamento tomista e de João Duns Escoto estão na base desta crença humanista nas potencialidades do homem e na sua natureza, indispensável ao processo formativo do indivíduo[12].

Se a natureza e o engenho lhes não faltam, apesar do estado primitivo em que se encontram os gentios, de acordo com a sua criação, são necessários o trabalho e a perseverança, a arte e o exercício, que não dispensam a orientação e a acção do mestre, qual escultor — descrita modelarmente pelo P.e António Vieira, no *Sermão do Espírito Santo*[13] — que à sua obra aplica o seu "trabalho e tempo", "fervor, amor e diligência"[14]. É nestes termos, em que a linguagem significativa dá a cada passo lugar à denotativa, que se vai enunciando a tríade educativa, indispensável a todo o processo pedagógico. Esta união dos três elementos, 'natureza, instrução e exercício', a designada tríade educativa que remonta aos pré-socráticos e conhece grande divulgação entre os sofistas e, sobretudo, a partir deles — considerada indispensável na construção do edifício educativo — surge nos diferentes autores quinhentistas, com várias expressões paralelas, quer em latim, quer em vernáculo[15].

[10] Nóbrega (1954) 62-63.

[11] A definição de razão, da *ratio*, como fonte transcendental, de que a lei universal, divina, é a expressão, encontra-se a cada passo na obra de Cícero: vide e. g. Cic. *Rep.* 3. 33; *Leg.* 1. 22, 23; *Fin.* 3, 37; *Phil.* 11, 28.

[12] *Vide* sobre este assunto Kristeller (1967) 106-109. O problema da superioridade relativa da vontade e do intelecto — equacionado por S. Tomás e João Duns Escoto, e na sua peugada, pelos autores do *Quattrocento* italiano, desde Petrarca e Marsilio Ficino — resolve-se pela harmonia das duas faculdades: se é pelo intelecto que se atinge o conhecimento da verdade, a capacidade em a seguir impõe-se por um acto de vontade, a que acresce a aquisição de bons hábitos, através da memória. Assim se atinge a sabedoria, a perfeita formação do carácter, objectivo último da educação.

[13] Vieira (2013-2015): Tomo II (Parenética) – vol. V (2015) 263: "Sermões da Páscoa e do Pentecostes".

[14] Nóbrega (1954) 59.

[15] Cf. e. g. Osorius, *De regis institutione et disciplina*: *natura et ars et studium*: Soares (1994 e 2021) 422-425; Camões, *Lus*. X. 154. 5-8. 5-8: "Nem me falta na vida *honesto estudo*/ com longa *experiência* misturado,/ Nem

As qualidades do mestre, a sua perfeição moral, a que acresce todo o cuidado em afastar os educandos da má influência daqueles que pelos seus hábitos viciosos, pelos maus exemplos, são um impedimento a uma boa formação, são referidos em todos os tratados de pedagogia e de gramática[16].

Dentro da especificidade do *Diálogo*, estes motivos nele se encontram também. Dirá Mateus Nogueira: "o officio de converter hé o mais grande de quantos há na terra e por isso requere mais alto estado de perfeição que nenhum outro"[17]. Requer aquele "zelo e saber"[18] que os Jesuítas aplicam não só ao ensino e conversão dos índios, mas também à reforma dos costumes dos europeus, que podem estragar toda a obra da conversão, com o seu exemplo de "maos christãos"[19]. É este também um dos motivos recorrentes, na prosa e na poesia dramática de Anchieta, designadamente no que se refere à mancebia, escravização e exploração dos índios"[20].

Apesar desta crença humanista na perfectibilidade do homem, na capacidade da virtude ser ensinada[21], é imprescindível a influição da graça divina, a neutralizar os efeitos do pecado original, na linha do augustinismo — Santo Agostinho é mesmo invocado, neste contexto —, dentro dos limites da liberdade humana, do livre arbítrio, que a Reforma luterana pusera em causa e o Concílio de Trento resolvera pela doutrina da justificação e da graça, que está presente, neste texto:

> Gonçalo Alvarez: — *"...todos temos huma alma e huma bestialidade naturalmente, e sem graça todos somos huns"*[22]*. [...]*
>
> Mateus Nogueira: — *"...ninguem pode salvar-se nem tem graça sem elle [Deus].*
>
> Gonçalo Alvarez: — *"Isso hé tudo da parte de Deus, mas da parte do gentio tão bem hé necessario aparelho, porque ouvi dizer que dis S. Agostinho que Deus que me fez sem mim não me salvará sem mim."*[23].

---

engenho que aqui vereis presente,/ cousas que juntas se achão raramente." — o sublinhado é nosso.

[16] Exemplares no século XVI são a gramática do P.e Manuel Álvares, SI, *De Institutione Grammatica*, verdadeiro *best seller* em Portugal e na Europa e o *De regis institutione et disciplina* de D. Jerónimo Osório, o mais completo tratado de pedagogia do Humanismo português, ambos saídos a lume em 1572, o mesmo ano de *Os Lusíadas* de Camões.

[17] Nóbrega (1954) 67.

[18] *Ibidem*, 62. *Vide* a ilustração da acção educativa e missionária dos jesuítas: Pires (1997) 25-32.

[19] Nóbrega (1954) 68-69.

[20] *Vide* Anchieta (1954) e.g. 704: *Na Festa de S. Lourenço*, v. 396-419.

[21] O problema do ensino da virtude é posto no *Ménon* por Platão. *Vide* os termos da formulação desta problemática em Ferreira (1977-1978) 21-50.

[22] Nóbrega (1954) 63-64.

[23] Nóbrega (1954) 69.

Define-se ainda a conversão como um acto de vontade, como uma opção livre em termos admiravelmente actuais — e reflecte-se na triste memória da conversão forçada dos judeus, em tempos medievais, mas de forma bem mais expressiva, no reinado de D. Manuel[24]. Este espírito de tolerância perante as crenças alheias é uma das características do pensamento de Francisco Vitória, então largamente difundido e perfilhado pelos seus discípulos[25]. Atentemos no texto:

> Gonçalo Alvarez: — *"... alguns tem asertado que trabalhamos debalde, ao menos até que este gentio não venha a ser mui sogeito, e que com medo venha a tomar a fee.*
>
> Nogueira: — *"E isso que aproveitaria se fossem christãos por força, e gentios na vida e nos custumes e vontade?"*[26] *[...].*
>
> Gonçalo Alvarez: — *"Parece muita rezão que seya isso muita verdade. Comforme a isso não foi boom fazer El-Rei Dom Manoel os judeos christãos depois da matança..."*[27].

Na expressão máxima da capacidade de os índios serem educados e convertidos, Nóbrega, pela voz dos dois intervenientes do *Diálogo*, deixa subentender a sua superioridade — apesar do estado primitivo em que se encontram — em relação àqueles que professam outras religiões, com seus credos e idolatrias, tais como judeus, mouros e os próprios pagãos gregos e romanos[28].

A respeito dos clássicos, sem aprovar a sua religião, não deixa de exprimir, como homem culto do Renascimento, a sua paixão pelo seu saber, que explica, numa atitude bem própria da sua época, em termos de imanência, de inspiração divina, "pera proveito e fermosura de todo ho universo"[29].

---

[24] O rei D. Manuel, a 5 de Dezembro de 1496, promulga o decreto que impõe, até finais de Outubro de 1497, a conversão ao Cristianismo, o baptismo forçado, de judeus e muçulmanos, sob pena de expulsão do reino. A liberdade de consciência, indispensável a quem abrace a religião ou a ela se converta, surge pela voz do Bispo de Lamego D. Fernando Coutinho, em 1497. *Vide* também e. g. Gil Vicente na "Carta a D. João III" a propósito do terramoto de 1531, atribuído aos judeus; Nicolau Clenardo, na "Carta a Jean Petit" (4-12-1540).

[25] Concepções semelhantes às de Nóbrega são as reveladas por D. Jerónimo Osório, também discípulo de Vitória, em Salamanca. Osório não hesita em reprovar esta atitude de D. Manuel, na Crónica do rei Venturoso, que divulgou no mundo culto a gesta portuguesa, o *De rebus Emmanuelis gestis* (1571): Osorius (1592) I, 585. 15-26.

[26] Nóbrega (1954) 60.

[27] Nóbrega (1954) 61. Decorridos nove anos do prazo de conversão imposto pela lei de D. Manuel que impunha o baptismo forçado (1496-1497), ocorre ainda em Lisboa em 1506 um verdadeiro massacre dos judeus.

[28] Além dos erros de judeus e mouros, note-se como é bem conhecido, a partir das representações dramáticas de Anchieta, o paganismo dos imperadores romanos. Responsáveis pelo martírio de S. Lourenço são os imperadores Décio e Valeriano e, pelo de S. Maurício o imperador Maximiano.

[29] Nóbrega (1954) 66: Assim se exprime, Nóbrega, no *Diálogo*: "*Nogueira*: — E o que dizeis das sientias que acharam os philosophos que denota aver entendimento grande, isso não foi geral benefficio de todolos humanos, dado polla naturaleza, mas foi especial graça dada por Deus, nam a todos os romanos nem a todos os gentios, senão a hum ou a dous, ou a poucos, pera proveito e fermosura de todo ho universo".

E prossegue, no que se refere à capacidade de conversão: "pois mais difícil será de crer a hum philosopho, que todo se funda em subtilezas de rezão, que não a hum que outras cousas muito mais somenos cree."[30].

Neste sentido, não se pode estranhar que se imponha a um jesuíta, como é o caso de Nóbrega, a preocupação de, mesmo a pretexto de outras religiões não cristãs, insinuar as guerras de religião que envolveram protestantes e católicos e avassalaram a Europa da época[31]. Tanto mais que no Brasil eram frequentes as incursões protestantes, de ingleses, holandeses e franceses[32].

Neste sentido vão mesmo os argumentos teológicos invocados: "Nogueira: — [...] E está clara a rezão, porque como as cousas de nossa fee das mais esenciais, como são da S. Trindade e que Deus se fez homem e os misterios dos sacramentos, não se podem provar por rezão demonstrativa, antes muitas são sobre toda rezão humana"[33] Já antes, o mesmo Nogueira reflectira que "A principal guerra que teve a Igreja forão sobejos entenderes"[34].

O *Diálogo* conclui com a interrogação, considerada de fácil resposta: "Qual maior penedo para desfazer?", numa expressão que prenuncia a do P.e António Vieira, no *Sermão do Espírito Santo*[35].

Sempre atento à verosimilhança do diálogo, de acordo com a natureza dos interlocutores, com transições dialogais que primam pela naturalidade, Nóbrega exprime conceitos de um alcance filosófico, ético-pedagógico e teológico que colocam esta obra como referência última do pensamento de um dos principais obreiros da unidade e da formação histórica do Brasil.

---

[30] Nóbrega (1954) 67. Note-se uma forte impressão de repúdio contra a conversão à força dos judeus, levada a cabo, não só na Idade Média pelo rei dos visigodos, Sisebuto, mas pelo rei D. Manuel. Cf. *Ibidem*, 61: n. 24 supra.

[31] As guerras de religião — essa "Hidra de Lerna", no dizer de Erasmo — com início em 1517, com a proclamação das 95 teses de Lutero, prolongaram-se até ao fim da Guerra dos Trinta Anos, com a Paz de Vestefália, em 1648.

[32] Anchieta (1954) e. g. 373, *De S. Maurício*, v. 76-80: "...porque cessando o pecar,/ cessarão muitos reveses/ com que os herejes franceses/ nos poderão apertar/ e luteranos inglêses.". Ao comentar estes versos, M. de L. de Paula Martins presta a seguinte informação: "Corsários inglêses e franceses atacaram o Espírito Santo, notadamente nos anos de 1581 e 1582. As razões do ataque, sempre comerciais, eram mascaradas, geralmente, com intenções religiosas.". Além disso, havia ataques dos índios, aliados dos franceses, que punham em risco a presença e administração dos portugueses, de que é exemplo o ataque dos tamoios de Cabo Frio contra os portugueses de S. Sebastião, em Julho de 1566. *Na festa de São Lourenço*, que gira em torno dos ataques dos tamoios, aliados dos franceses, ao Rio de Janeiro, há várias alusões a estes (*Vide* e. g. 693, v. 175: "Não sou um Mair covarde — Mair, nome por que se designavam os franceses";

[33] *Ibidem*, 67: referência a aspectos essenciais da ortodoxia da Igreja Católica que a Reforma Protestante veio pôr em causa.

[34] *Ibidem*, p. 66.

[35] Cf. n. 13. Vieira (2013-2015): Tomo II (Parenética) – vol. V (2015) 263: "Sermões da Páscoa e do Pentecostes" " [...] É uma pedra, como dizeis, esse Índio rude? Pois trabalhai e continuai com ele (que nada se faz sem trabalho e perseverança), aplicai o cinzel um dia, e outro dia, dai uma martelada, e outra martelada, e vós vereis como dessa pedra tosca, e informe, fazeis não só um homem, senão um Cristão, e pode ser que um Santo".

Ao longo da sua produção literária, desde as *Informações sobre a Terra do Brasil*, de 1549 e 1558 e a vasta correspondência, incluída nos primeiros quatro volumes dos *Monumenta Brasilica*, aos tratados de filosofia moral tece Nóbrega considerações dignas de nota sobre os costumes dissolutos dos europeus, designadamente na prática da mancebia, nas injustiças no comércio e na escravização dos índios, aspectos que se opunham à conversão[36]. Aborda ainda temas fulcrais da maior actualidade, a que se impunha dar resposta, tais como o conceito de guerra justa e a problemática da liberdade dos índios.

É na obra *Caso de consciência sobre a liberdade dos índios* que reflecte de forma sistemática sobre estes diversos domínios e adapta à realidade concreta do índio do Brasil a doutrinação jurídica do direito natural e do direito das gentes, de acordo com a orientação tomista seguida nas duas universidades que frequentou, Salamanca e Coimbra — a orientação da designada "Escola Jurídica de Salamanca". Foi ela posta ao serviço dos ideais proselíticos e catequéticos da empresa inaciana, sentida pela Igreja de Roma como "compensação eclesial", em face da dissidência protestante.

Neste seu último escrito, conhecido, *Caso de consciência sobre a liberdade dos índios*, Nóbrega invoca mesmo a autoridade de Domingo Soto para defender os índios da escravatura e afirma que os confessores da Companhia de Jesus deviam ter por norma não absolver os que lesavam a liberdade humana — atitude esta com um profundo alcance jurídico-moral.

A dignidade do índio convertido impede a sua escravização. Se oferece resistência à conversão, à salvação da sua alma, justifica-se a sua sujeição, entendida como sujeição de doutrina, mas não como escravidão.

Mais ainda, nos escritos de Nóbrega, caminha, a par da riqueza e variedade temática e descritiva, o desassombro do seu proselitismo religioso, que a sua formação de canonista lhe permite, designadamente no que se refere à adaptação da lei positiva eclesiástica aos costumes dos índios.

Poderemos afirmar, na realidade, quão grande distância separa os métodos de formação humanística, praticados nos grandes centros de cultura europeia em que os missionários do Brasil, Nóbrega e Anchieta, estudaram[37]. No entanto, não está distante o sentido que colheram do estudo das *bonnae litterae*, na linha de Lorenzo

[36] Na narrativa epistolar de 1584, Fernão Cardim afirma que muitos índios "vivem com menos pecados que os Portugueses" e considera que a santidade de vida dos missionários é a principal responsável pela eficácia da sua conversão, quer do ponto de vista da prática da religião, quer do ponto de vista estritamente humano. *Vide* Cardim (1925) 306. Cf. Nóbrega (2017).

[37] *Vide* Soares (2000) 1039-1065: José de Anchieta foi discípulo de Diogo de Teive, Mestre de Prima, no Colégio das Artes. Pela sua origem nas Ilhas Canárias e pelo seu brilhantismo poético, na língua latina, era então conhecido, no meio académico, por "Canário de Coimbra".

Valla e Angelo Poliziano: a formação humanística é um meio de pensar e de sentir os problemas do tempo, uma forma de exprimir emoções, de trocar ideias, de difundir conhecimentos e descobertas, de descrever e relatar sucessos — se não na língua acessível a toda uma Europa culta, o Latim — mercê das circunstâncias, na língua de comunicação da mensagem pedagógica, a imprimir na alma dos indígenas[38].

Era o ideal de educação elementar, de "criação" de "policia", de humanização dos naturais da terra, que Nóbrega apresenta no seu *Diálogo sobre a conversão do gentio*.

Apesar disso, os princípios filosóficos em que se apoia são os mesmos que serviram de suporte à pedagogia humanista. E, a pairar no nosso espírito e na nossa sensibilidade, fica-nos ainda a afirmação de Nóbrega de que os filhos dos índios têm "tão boom entendimento que muitos fazem avantagem aos filhos dos christãos"[39].

Além disso, serão os filhos dos índios que se sentarão nos bancos dos Colégios fundados pelos jesuítas, ao longo do tempo, a quem será ministrado um ensino, orientado pela *Ratio studiorum*, que, da Europa ao Malabar e ao Brasil, unia mestres e alunos da Companhia de Jesus, num ideal comum de sabedoria e piedade[40].

E ainda, a estes filhos dos índios muito ficará a dever a Missão jesuítica em terras do Brasil, afirma o próprio José de Anchieta, "porque são línguas e intérpretes para nos ajudar na conversão dos gentios"[41].

Quando José de Anchieta desembarcou no Brasil, a 13 de Julho de 1553, já tinham decorrido quatro anos sobre a chegada do P.e Manuel da Nóbrega, na primeira missão jesuíta. Desde então, não mais se separaram na prossecução de objectivos comuns, na realização dos ideais educativos, culturais e religiosos da missão, *ad maiorem Dei gloriam*[42].

Inseparáveis na amizade, na comunhão de ideais e na acção diuturna, os Padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta desempenharam diferentes papéis, de indiscutível complementaridade, decorrentes das suas diversas maneiras de ser, dos seus dotes naturais e da formação intelectual que cada um deles recebeu. Todas as suas qualidades as colocaram ao serviço da missão e da grande empresa que era a terra do Brasil. O P.e José de Anchieta, dotado de uma inteligência brilhante e de uma memória prodigiosa, que a sua obra documenta, de entre todos os géneros

[38] Anchieta (1990). O P.e José de Anchieta possuía uma notável formação humanística e filológica de que vai resultar, com persistência e labor, a sua *Arte de Gramática da língua mais usada na Costa do Brasil — a língua tupi* — indispensável à evangelização do Brasil.

[39] Nóbrega (1954) 65.

[40] Miranda (2009).

[41] *Vide* carta de Anchieta, dirigida de Piratininga a Inácio de Loiola, em Julho de 1554, um ano depois da sua chegada ao Brasil: Anchieta (1984) 55-56.

[42] *Vide* Leite (1938); Ramalho (1989) 34-44.

cultivados, aquele que é sentido e experienciado como o mais capaz de atingir um público numeroso é, sem dúvida, o teatro. É o seu teatro catequético o mais adequado à divulgação da mensagem moral e religiosa, a imprimir na alma das crianças, os actores, e suas famílias. As danças, o canto, o uso de instrumentos e a própria língua dos nativos são elementos agregadores de toda a comunidade[43]. Pela sua arte em ensinar, comover e deleitar, unindo o *utile dulci*, no dizer de Horácio (*Ars poetica*, 343), Anchieta torna-se o principal arrimo de Nóbrega, na tarefa ingente da construção da unidade e formação de um país, que dependia prioritariamente da "criação" e "policia" dos seus naturais — os índios do Brasil.

Foram estes jesuítas, na sua pioneira experiência, os principais obreiros da educação no Brasil, da "pedagogia brasílica"[44]. A acção de ambos está estruturalmente ligada: nela vive e permanece a lição do humanismo universal, em que Deus e os Homens, na grandeza dos seus ideais, se dão as mãos.

Numa palavra, o P.e Manuel da Nóbrega, no seu saber e no seu agir, define-se como humanista e jurista canónico por um alto sentido das responsabilidades, pela capacidade de administração e organização cívica e religiosa, pela sua admirável intuição pedagógica, aliada a uma energia e força anímica inesgotáveis. É esta a marca da missão divina do *miles christianus*, na evangelização em terras de Santa Cruz.

De forma singular e original, testemunha-o o *Diálogo sobre a conversão do gentio*, obra pioneira do pensamento e do ideal jesuítico do século XVI.

[43] Foi graças à sua prodigiosa memória que Anchieta, refém dos Tamoios, em Iperuí, levou a cabo a empresa de escrever na areia e fixar os cerca de seis mil versos do seu poema à Virgem Maria, *De beata Virgine dei Matre Maria*. Anchieta, gramático, intérprete da língua brasílica, mestre escola e de catequese, professor de Humanidades, dramaturgo, poeta lírico e épico, taumaturgo — o "Orfeu Brasílico"— foi canonizado pelo Papa Francisco e é copadroeiro do Brasil.

[44] Saviani (2008).

Bibliografia

Anchieta, J. de, S.I. (1990), *Cartas Arte de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Apresentação de Dr. Carlos Drummond. Aditamentos de P.e Armando Cardoso. São Paulo.

Anchieta, J. de, S.I. (1984), *Cartas (Correspondência ativa e passiva)*. Pesquisa, introdução e notas do P.e Hélio Abranches Viotti. São Paulo.

Anchieta, J. de, S.I. (1954), *Poesias*. Manuscrito do séc. XVI, em português, castelhano, latim e tupi. Transcrição, tradução e notas de M. de L. de Paula Martins. S. Paulo.

Documenta Indica (1984-1984) 16 vols. Roma.

Cardim, F. (1925), *Tratado da Terra e gente do Brasil*. Rio de Janeiro.

Erasmi Desiderii Opera omnia (in decem tomos distincta). Leiden,1703. Repr. Hildesheim, 1961-1962 (tradicionalmente designada por *LB*).

Ferreira, J. R. (1977-1978), "O problema educativo no *Filoctetes*": *Humanitas* 29-30 (1977-1978) 21-50.

Kristeller, P. O. (1967), *Le thomisme et la pensée italienne de la Renaissance*. Montreal-Paris.

Leite, S., S.I. (1983), *História da Companhia de Jesus*, tomo I. Lisboa-Rio de Janeiro.

Miranda, M. (2009), *Código pedagógico dos jesuítas*. Ratio studiorum *da Companhia de Jesus e* Curriculum *de estudos*. Lisboa.

Nóbrega, M. da, S.I. (1954), *Diálogo sobre a conversão do gentio*. Com preliminares e anotações históricas e críticas de Serafim Leite, SJ. Lisboa.

Nóbrega, M. da, S.I. (2017), *Obra completa* – nos 500 anos do seu nascimento, (org.) Paulo Roberto Dias Pereira. São Paulo.

Osorius, Hieronimus (1592), *De rebus gestis Emanuelis regis Lusitaniae*, lib. I (*Opera omnia*, Romae, 1592.

Pires, M. L. (1997), "O protótipo do Missionário em textos de Vieira": *Oceanos — Vieira* 30/31 (1997) 25-32.

Ramalho, A. C. (1989), "O Conimbricense Mem de Sá, terceiro Governador-Geral do Brasil": *Munda* 18 (1989) 34-44.

Ramalho, A. C. (1999), "Os versos latinos de Francisco de Sá e a autoria do poema *De Gestis Mendi de Saa*": *Humanitas* 51 (1999) 241-250.

Saviani, D. (2008), *História das idéias pedagógicas no Brasil*. 2.ed. Campinas.

Soares, N. C. (2000), "Pedagogia humanista no Colégio das Artes no tempo de Anchieta": *Congresso Internacional Anchieta em Coimbra — 450 Anos. Colégio das Artes da Universidade de Coimbra (1548-1998)*. Porto, 3 vols., 1039-1065.

Soares, N. C. (1994 e 2021), *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*. Coimbra, JNICT (2ª ed. 2021, Coimbra, IUC).

Vieira, A., S.I. (2013-2015), *Obra completa*, 30 vol. (dirigida por José Eduardo Franco e Pedro Calafate). Lisboa, Círculo de leitores. Tomo II (Parenética) – vol. V (2015): "Sermões da Páscoa e do Pentecostes", coordenação de P.e Mário Garcia SJ.